

Rute Figueiredo

**ARQUITECTURA  
E DISCURSO CRÍTICO  
EM PORTUGAL  
(1893-1918)**

Colecção Teses

Edições Colibri

---

IHA - Estudos de Arte Contemporânea  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa

shi

Colecção: TESES

Coordenação: IHA/Estudos de Arte Contemporânea  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa

Direcção: Professora Doutora Margarida Acciaiuoli

NA MESMA COLECÇÃO

*As Academias e Escolas de Belas Artes e o Ensino Artístico (1836-1910)*

Maria Helena Lisboa

*O Universo dos sons nas Artes Plásticas*

Ana Paula Almeida

*Pensar a pintura. Helena Almeida (1967-1979)*

Ivo Braz

*Alberto Carneiro. Os primeiros anos (1963-1975)*

Catarina Rosendo

*Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940)*

Patrícia Esquível Ribeiro

*A revista Colóquio-Artes*

Margarida Brito Alves

*Património e Restauro em Portugal (1825-1880)*

Maria Helena Maia

*Formas Urbanas. A construção da cidade de Lisboa entre 1888 e 1958*

Israel V. Guarda

*Arquitectura Privada, Política e Factos Urbanos em Lisboa.*

*Da cidade pombalina à cidade liberal*

Joana Cunha Leal

Rute Figueiredo

ARQUITECTURA E DISCURSO CRÍTICO  
EM PORTUGAL (1893-1918)

Edições Colibri

IHA/Estudos de Arte Contemporânea  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa

FIGUEIREDO, Rute Maria Pinto, 1970-

Arquitectura e discurso crítico em Portugal :  
(1893-1918). – (Teses ; 2)  
ISBN 978-972-772-708-7

CDU 72  
72.072  
711.4  
050

Título: Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1836-1910)

Autor: Rute Figueiredo

Edição: Edições Colibri – IHA/Estudos de Arte Contemporânea,  
FCSH – Universidade Nova de Lisboa

Capa: Ricardo Moita

Depósito legal: 254 805/07

Lisboa, Fevereiro de 2007

Patrocínio: Fundação para a Ciência e a Tecnologia

## ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO .....	13
INTRODUÇÃO .....	17

### PARTE I

Capítulo 1 – A “MISSÃO SOCIAL” DA ARQUITECTURA .....	27
1.1 A CRIAÇÃO DA REVISTA <i>A CONSTRUÇÃO</i> NOS ANOS 90 .....	33
1.2 O “INDIFERENTISMO” DOS ARQUITECTOS .....	35
1.3 A CIDADE PROGRESSIVA E MODERNA PROPOSTAS, CRÍTICAS E CONTRAPROPOSTAS .....	41
1.3.1 Proposta para uma cidade cosmopolita e burguesa .....	41
1.3.2 Crítica à cidade finissecular .....	45
1.3.3 Contraproposta – o artesão-operário .....	57
1.4 A CONTRAFACE DA CIDADE BURGUESA .....	62
1.4.1 As preocupações higiológicas no final do século XIX .....	63
1.4.2 Promoção de bairros-modelo de habitação económica .....	70
Capítulo 2 – A “MISSÃO HISTÓRICA” DA ARQUITECTURA .....	77
2.1 A CULTURA ECLÉCTICA NO FINAL DO SÉCULO XIX .....	77
2.1.1 Introdução do eclectismo em Portugal .....	78
2.1.2 A arqueologia como matéria disponível para a arquitectura .....	80
2.1.3 O nivelamento valorativo dos estilos e a superação do valor universal .....	88
2.2 O ECLECTISMO COMO DILEMA .....	90
2.2.1 O evolucionismo e a definição do <i>estilo</i> .....	90
2.2.2 O <i>estilo</i> como forma histórica .....	95
2.2.3 A ausência de “unidade de pensamento” na arquitectura do século XIX .....	96
2.2.4 Hipóteses para a consolidação de um <i>estilo</i> .....	101

Capítulo 3 – A “MISSÃO NACIONAL” DA ARQUITECTURA .....	113
3.1 O <i>DECADENTISMO</i> NA ARQUITECTURA FINISSECLAR .....	113
3.1.1 O Culto da Arte em Portugal .....	114
3.1.2 O debate dos Jerónimos na revista <i>Construção</i> .....	120
3.1.3 Crítica à orientação da arquitectura contemporânea .....	132
3.2 A ARQUITECTURA COMO INSTRUMENTO DE <i>REGENERAÇÃO</i> NACIONAL .....	135
3.2.1 A criação de um “sentimento colectivo” na arquitectura .....	135
3.2.2 A procura do estilo “original” português .....	138
3.2.3 O debate do <i>manuelino</i> .....	143
Capítulo 4 – PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CRÍTICA DE ARQUITECTURA NO FINAL DO SÉCULO XIX .....	153
4.1 MÉTODOS E FUNÇÕES DA CRÍTICA NA ÚLTIMA DÉCADA DE OITOCENTOS .....	154
4.1.1 O “gosto” e a subjectividade do juízo crítico .....	156
4.1.2 Influência do pensamento positivista na crítica à arquitectura .....	159
4.1.3 O “hábito dos juízos ligeiros” .....	162
4.2 OS PROTAGONISTAS – A RELAÇÃO ARQUITECTO-CRÍTICO .....	165
4.2.1 O estatuto do crítico no final do século XIX .....	165
4.2.2 O lugar do arquitecto na crítica ao seu saber .....	168
4.2.3 Primeiros indícios de afirmação profissional e crítica .....	172
4.2.4 O questionamento da autoridade dos críticos na revista <i>Construção</i> .....	174
4.3 OS INSTRUMENTOS – ENQUADRAMENTO DA REVISTA <i>CONSTRUÇÃO</i> NA IMPRENSA DA ÉPOCA .....	177
4.3.1 O poder da imprensa .....	177
4.3.2 As revistas antecessoras no âmbito da arquitectura .....	179
4.3.3 A importância da revista <i>Construção</i> no discurso crítico da arquitectura em Portugal .....	182



## PARTE II

Capítulo 1 – AUTONOMIZAÇÃO DA CRÍTICA DE ARQUITECTURA NO INÍCIO DE NOVECENTOS .....	189
1.1 A CRIAÇÃO DA REVISTA <i>A CONSTRUÇÃO MODERNA</i> .....	189
1.1.1 Apresentação e estrutura .....	189
1.1.2 Um projecto moderno .....	191
1.1.3 A <i>Construção Moderna</i> como “antecâmara” da autonomização profissional .....	197
1.2 FUNDAÇÃO DE UMA NOVA CONSCIÊNCIA PROFISSIONAL .....	198
1.2.1 O “título do architecto em Portugal” .....	198
1.2.2 A auto-suficiência disciplinar .....	202
1.2.3 Um novo sentido deontológico .....	207
1.2.4 Integração num projecto nacional.....	208
1.2.5 A revista <i>Arquitectura Portuguesa</i> enquanto reforço da identidade profissional .....	213
1.2.6 A “propriedade artística” do architecto .....	219
1.3 A CRÍTICA COMO MEIO E COMO MÉTODO .....	222
1.3.1 A autonomização do discurso crítico na arquitectura .....	222
1.3.2 O architecto-crítico .....	228
Capítulo 2 – A IDEIA DE CIDADE NO INÍCIO DO SÉCULO XX: DA CENA PÚBLICA AO ESPAÇO PRIVADO .....	231
2.1 A CAMPANHA DE “ESTETIZAÇÃO DA CIDADE” .....	235
2.1.1 1906 – “Lisboa Monumental” .....	235
2.1.2 Os melhoramentos da capital .....	239
2.1.3 A “educação do gosto” e a promoção do architecto na cidade .....	246
2.2 VISÃO FUNCIONALISTA DA CIDADE .....	253
2.2.1 “Lisboa no ano 2000” .....	253
2.2.2 A “arquitectura racional das futuras cidades” .....	259
2.3 A CIDADE COMO ENTIDADE SOCIAL .....	265
2.3.1 “Construção Moderna. Povoações Salubres” .....	268
2.3.2 A campanha da habitação económica na <i>Construção Moderna</i> .....	276

Capítulo 3 – PARA UMA ARQUITECTURA DO FUTURO .....	287
3.1 SITUAÇÃO DE IMPASSE NO INÍCIO DO SÉCULO XX .....	288
3.1.1 Crítica ao prolongamento dos historicismos .....	288
3.1.2 Dificuldades verificadas para a concepção de um novo <i>estilo</i> .....	293
3.2 NA PROCURA DE UM “ESTILO MODERNO” .....	298
3.2.1 Função e ornamento .....	300
3.2.2 A influência dos novos materiais e processos construtivos .....	309
3.2.3 A congregação das artes no programa habitacional .....	316
Capítulo 4 – A CAMPANHA DA <i>CASA PORTUGUESA</i> .....	319
4.1 O TEMPO DAS CONJECTURAS .....	323
4.1.1 Primeiros indícios .....	323
4.1.2 1902 – Abertura de um “inquérito” na <i>Construção Moderna</i> .....	326
4.1.3 Sentido retrospectivo – Existiu algum dia um <i>tipo</i> de habitação nacional? .....	328
4.1.4 Sentido prospectivo – “como nacionalizar a arquitectura doméstica portuguesa?” .....	334
4.1.5 Integração da <i>casa portuguesa</i> na campanha de “estetização da cidade” .....	342
4.1.6 Raul Lino, “arquitecto-inventor” da <i>casa portuguesa</i> .....	348
4.2 O TEMPO DA VALIDAÇÃO .....	356
4.2.1 Apropriação e esvaziamento das propostas de Raul Lino .....	357
4.2.2 A Nossa Casa .....	359
CONCLUSÃO .....	367
ÍNDICE ONOMÁSTICO .....	371
FONTES E BIBLIOGRAFIA .....	379